



Educomunicação como fundamento em projetos de extensão: processos midiáticos com alunos e professores¹

Duílio Fabbri Júnior²
Fabiano Ormaneze³
PUC-Campinas, Campinas, SP

RESUMO

Este trabalho desenvolve o conceito de educomunicação aplicado a duas propostas de extensão universitária desenvolvidas na PUC-Campinas. Expõe como o conceito, entendido aqui como proposta de formação “para” e “pela” mídia, está sendo utilizado em projetos que têm como público alvo adolescentes de uma organização não governamental (ONG) e professores de uma escola pública estadual de Campinas, ambas em regiões periféricas. A partir de oficinas e assessorias, são elaboradas não só reflexões que promovem uma nova leitura da mídia, atenta aos sentidos e à ideologia, mas também elabora produtos de comunicação, como sites, cartilhas e boletins. Por fim, problematizam-se os principais obstáculos enfrentados na realização desses projetos, como a deficiência em leitura e escrita de adolescentes participantes das atividades.

PALAVRAS-CHAVE: educomunicação; leitura crítica da mídia; extensão universitária.

EDUCOMUNICAÇÃO: EDUCAÇÃO PARA E PELA MÍDIA

Muitos recursos intelectuais têm sido usados para abrir caminhos e perspectivas metodológicas entre as áreas de comunicação e educação. Esses percursos começaram a ser trilhados há muito tempo, sem que seja possível, com toda a precisão, afirmar em que momento tiveram início. Duas das iniciativas mais antigas são os trabalhos do pedagogo francês Célestin Freinet (1896-1966) e do médico polonês Janusz Korczak (1878-1942), no período entre guerras. Ambos apostaram no jornal como aliado no processo educacional e encontraram na imprensa uma saída para a carência de recursos pedagógicos, principalmente, no trabalho com crianças carentes e em regiões devastadas pela guerra. Sobreiro (2005, p. 3)

¹ Trabalho apresentado em Grupo de Trabalho da V Conferência Sul-Americana e X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

² Professor da PUC-Campinas, com projeto de extensão aprovado para o ano de 2015. Coordenador do projeto “Reflexões críticas sobre a mídia no processo de educomunicação”. Docente do curso de Jornalismo e diretor do curso de Design Digital na mesma universidade. Mestre pela Faculdade Cásper Líbero. E-mail: duilio.fabbri@puc-campinas.edu.br.

³ Professor da PUC-campinas, com projeto de extensão aprovado para o biênio 2014/2015. Coordenador do projeto “Comunicação comunitária e cidadania: práticas educacionais no CAS Copiosa Redenção”. Docente dos cursos de Jornalismo e Relações Públicas na mesma universidade. Mestre pela Unicamp. E-mail: fabiano.ormaneze@puc-campinas.edu.br.



lembra que, ao adotarem o jornal como ferramenta didática, ambos “colocaram em prática seus métodos de trabalho [...] a partir da insatisfação com o sistema formal de ensino – considerado arcaico e cerceador da liberdade”. Além disso, eles também percebiam que as crianças e os adolescentes sentiam necessidade de expressar suas ideias, o que vinha acompanhado de melhoria no rendimento escolar.

A criação de jornais escolares e dos chamados “livros da vida”, textos em que as crianças e adolescentes podiam narrar suas experiências, alegrias e angústias, numa espécie de diário, foram as soluções encontradas por Freinet para uma educação mais libertadora⁴. Já Korczak realizou um trabalho de alfabetização e educação com crianças na periferia de Varsóvia. Com ajuda financeira da comunidade judaica, da qual fazia parte, o pediatra mantinha uma instituição para crianças pobres. Em 1920, o jornal polonês *Nasz Przegląd* (*Nossa Revista*) possuía, de acordo com Gottlieb (2001), tiragem de 25 mil exemplares, e convidou Korczak para preparar um suplemento infantil. O resultado foi o *Maly Przegląd* (*Pequena Revista*), com quatro páginas e com textos integralmente escritos por crianças. Nesse ponto, encontra-se uma convergência com o trabalho de Freinet.

O francês recomendava que, num jornal infantil, todo o trabalho – da discussão da pauta à impressão – devesse ser feito pelas crianças e para as crianças. Como forma de estímulo, o próprio Korczak⁵ remunerava os “novos jornalistas” (GOTTLIEB, 2001, p. 44). O médico, assim como Freinet, também deixou parte de sua concepção de educação registrada em livro. Em *Como amar uma criança*, de 1915, mostra que a leitura de jornal com os estudantes era o elo entre escola e mundo. Além disso, escreve que “os cursos de *jornalismo pedagógico* poderão, talvez, num futuro próximo, ser inseridos no programa de ensino nas escolas para professores” (1997, p. 332, grifo nosso).

Da mesma forma que outros educadores mais libertários, como o brasileiro Paulo Freire (1921-1997), Freinet e Korczak sofreram consequências e coações. Freinet, que deixava clara sua ligação com o Marxismo, teve sua escola fechada na década de 1930. Korczak e cerca de 200 crianças foram mortos numa câmara de gás durante o holocausto.

⁴ No curto espaço deste artigo seria pretensioso resumir a contribuição de Freinet para a educomunicação – numa fase em que o termo sequer era cogitado. Restringimo-nos a registrar sua contribuição central. Freinet escreveu o livro “Jornal Escolar”, em que apresenta os princípios de sua filosofia.

⁵ Da mesma forma como fizemos com Freinet, nosso objetivo é apenas apresentar uma breve menção das contribuições. Sugerimos além de sua obra, o filme “As 200 crianças do Dr. Korczak” (no original “Dr. Korczak”, Polônia, 1990, dirigido por Andrzej Wajda).



No Brasil, no Movimento da Escola Nova, nos anos 1930, o pedagogo Anísio Teixeira (1900-1971), ao defender um ensino que promovesse mais a reflexão e menos a memorização, também sugeria a utilização de textos da imprensa. Da mesma forma, a obra de Paulo Freire, ao propor uma educação baseada na leitura de mundo e na libertação e na reflexão, é retomada quando se pensa numa proposta educomunicativa. No clássico texto *Extensão ou comunicação*, de 1976, ele afirma que o homem é um ser naturalmente de relações e não apenas de contatos, o que seria próprio dos animais. O homem, e isso justifica um processo comunicativo como parte de sua educação, não está apenas “no mundo”, mas “com o mundo”.

Até como uma forma de romper com o discurso positivista da especialização das áreas, o termo “educomunicação” só se popularizou no final dos anos 1990, numa proposta explicitamente interdisciplinar. De acordo com Soares (2011), provavelmente o primeiro a utilizar o termo tenha sido o argentino Mário Kaplún (1923-1998), em meados dos anos 1970, embora em muitos de seus textos ele tenha preferido a expressão “comunicação educativa”. A terminologia “educomunicação” só ganharia força a partir do ano 2000, com o surgimento dos primeiros cursos de pós-graduação e, depois, de graduação assim intitulados na Universidade de São Paulo (USP).

Para Soares (2011), a educomunicação é “um conjunto de ações voltadas a criar e a desenvolver ambiências favorecedoras do diálogo social, mediante um conjunto de ações em vários subcampos: a educação para a comunicação; a mediação tecnológica, a expressão comunicativa, a pedagogia da comunicação e a gestão de processos comunicativos” (SOARES, 2011, p. 12). Ormaneze (2014) reforça que um trabalho educomunicativo tem duas frentes: preparar “para a mídia” e “pela mídia”, ou seja, deve envolver um trabalho de reflexão e também de ação para o uso das ferramentas midiáticas.

A importância da área é notável quando se entra em contato com pesquisas sobre consumo de mídia e qualidade de ensino. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2011, quase 70% dos estudantes do sistema público brasileiro se conectaram à internet. Na rede particular, quase todos os estudantes acessaram a rede. Ainda de acordo com o mesmo levantamento, o País tem mais 13 milhões de alunos conectados. Nesse mundo permeado por diversas tecnologias da informação e comunicação, a escola é convidada a se reinventar e repensar seu papel. Dentro desse processo, a educomunicação apresenta-se como mediadora na intenção de atingir tais metas.



Como mais um argumento para a criação de propostas educacionais, o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e o Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (Pisa) indicam o baixo rendimento dos alunos dos ensinos Fundamental e Médio em compreensão, interpretação e reflexão. Nos exames de acesso à universidade, a situação não é muito diferente. Na maioria dessas avaliações, estão incluídos textos midiáticos, como notícias de jornal e anúncios publicitários, o que se relaciona, por sua vez, com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que pregam a necessidade do trabalho pedagógico a partir de diferentes gêneros textuais. No entanto, a questão que se coloca é que, raramente, na formação do professor, foram abordadas temáticas relacionadas à mídia. Da mesma forma, o trabalho com mídias na escola, em geral, tem sido realizado sem o apoio especializado de profissionais da área, formados para tal e que agregariam conhecimento especializado.

Barbero (2014) lembra que, de modo geral, a escola na América Latina está em crise e, principalmente, os colégios públicos encontram-se descreditados pela população e pela imprensa. De acordo com o autor, essa situação tem como razões uma mudança que

nem nossos governos nem nossos pedagogos especializados parecem ter percebido: que a educação já não é concebida a partir de um *modelo de comunicação escolar* que se encontra ultrapassado tanto espacial quanto temporalmente por processos de formação correspondentes a uma *era informacional* na qual a idade para aprender são todas e o lugar para estudar pode ser qualquer um. [...] Estamos passando de uma *sociedade com sistema educativo* para uma *sociedade do conhecimento e aprendizagem contínua*. (MARTIN-BARBERO, 2014, p. 121, grifos no original)

Os grifos do autor são providenciais no trecho, pois chamam a atenção para uma reflexão sobre como uma prática educacional pode auxiliar a escola a enfrentar sua crise. Martin-Barbero lembra que o modelo de uma escola detentora única do conhecimento – e de um professor como fonte de informação – já se descaracterizaram. No momento, destaca-se uma aprendizagem que chegue por todos os ângulos, colocando o sujeito em contato com informações durante toda sua vida. Com o surgimento e a evolução da internet, esse processo tornou-se ainda mais profícuo: agora, a um clique, é possível ter informações sobre qualquer assunto, em qualquer lugar. Um dos papéis centrais da escola passa a ser, portanto, a preparação para lidar com a multiplicidade de discursos e informações que chegam todos os dias, pelos mais diversos dispositivos. “As tecnologias não são neutras, mas constituem hoje enclaves de condensação e interação de mediações sociais, conflitos simbólicos e interesses econômicos e políticos, pelo que elas fazem decisivamente parte das



novas condições de narrar” (MARTIN-BARBERO, 2014, p. 111). A capacidade para lidar com diversas narrativas sobre um mesmo fato também deve ser uma preocupação da escola contemporânea, uma vez que a evolução das mídias trouxe a “acelerada fragmentação das narrativas e uma experiência de fluxo que borra as fronteiras dos gêneros” (MARTIN-BARBERO, 2014, p. 113).

Embora com um rico material já publicado, o campo da educomunicação ainda enfrenta diversos desafios, que vão desde a sua referenciação como área do conhecimento (ainda persistem, nas universidades, o discurso da disciplina e da especialização), até a sua compreensão por parte dos professores da escola básica de suas referências teóricas, seus objetivos e métodos. Entre os aspectos a serem vencidos, Baccega (2009) indica a necessidade de uma discussão sobre o papel que as tecnologias exercem na formação dos estudantes. Não se trata, evidentemente, de uma abordagem sobre o uso, mas sim sobre como ele se processa e tem sido objeto de reflexão.

Outro desafio, de acordo com a autora, é “verificar criticamente que a realidade em que estamos imersos, e que contribuímos para produzir, modificar e reproduzir, é sempre uma realidade mediada e mediatizada.” (BACCEGA, 2009, p. 23). É desafio, então, saber ler e interpretar o mundo que, num processo metonímico (de parte para o todo) nos é passado pelas mídias. Dessa forma, ainda segundo Baccega, permitir-se-ia, aos sujeitos ir do “mundo editado à construção do mundo” (p. 25) e também permitir um diálogo mais amplo de saberes, tendo clara a diferença entre informação fragmentada e conhecimento, ou seja, a passagem daquilo que é recebido passivamente para o sentido de ser e estar no mundo, com o que se aprende fazendo diferença e ajudando a enfrentar desafios sociais.

Fazer educomunicação não é, portanto, simplesmente levar textos midiáticos para a sala de aula, a fim de usá-los como substituto dos livros didáticos no ensino de tópicos como a gramática ou mesmo a geopolítica e a história. Tampouco, trata-se da exibição de filmes ou apresentação de sites como ilustração de conteúdos trabalhados nas aulas expositivas. Pressupõe, sim, interação com as mídias, leitura crítica e também produção de seus próprios veículos, como explícito já na gênese dessas práticas com Freinet e Korczak.

Com essa breve contextualização teórica, passamos a explicitar como dois projetos de extensão desenvolvidos na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) propõem-se a auxiliar estudantes e professores no processo de uso e leitura das mídias, seja como modo de intervenção social ou como método educativo. Entende-se que a extensão, ao



propor atuação junto à comunidade, é um espaço promissor para o desenvolvimento de atividades a partir dos pressupostos da educomunicação.

O TRABALHO EDUCOMUNICATIVO COM ADOLESCENTES

O projeto de extensão universitária “Comunicação Comunitária e Cidadania: Práticas Educomunicativas no Centro de Assistência Social (CAS) Copiosa Redenção” começou a ser desenvolvido por um dos autores deste artigo em março de 2014 e tem suas atividades previstas até dezembro de 2015. A proposta surgiu de demandas da organização não governamental (ONG) que sedia as atividades, localizada na segunda mais populosa região de Campinas (SP), Campo Grande, Noroeste da cidade⁶. A atividade tem como objetivo capacitar adolescentes, entre 12 e 18 anos, para elaborar produtos jornalísticos comunitários.

Uma primeira relação possível entre extensão universitária e educomunicação está no fato de que esses projetos devem se pautar no desenvolvimento da autonomia do sujeito envolvido e que se beneficia, assim, com o conhecimento gerado na academia. Destaca-se, nesse processo, a importância de uma atitude que não seja paternalista ou verticalizada, mas sim de diálogo e de construção de saberes e habilidades que, com o término do projeto, possam continuar gerando produtos e benefícios.

O método de trabalho utilizado para o projeto é a realização de oficinas e, num segundo momento, consultorias para a elaboração dos produtos de comunicação (impresso e digital). Por oficina, aqui, entendemos a relação de um sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. Essa concepção parte de Vieira e Volquind (2002, p. 11), para quem esse método é “um tempo e um espaço para aprendizagem; um processo ativo de transformação recíproca entre sujeito e objeto; um caminho com alternativas, com equilíbrios que nos aproximam progressivamente do objeto a conhecer”. Trata-se, portanto, de uma proposta que promove a apropriação de conhecimento a partir de uma prática, ativa e reflexiva. No projeto com professores, detalhado no próximo item deste artigo, o conceito empregado é o mesmo.

Em termos de conteúdo, as oficinas abordam tanto aspectos gerais da comunicação e da leitura da mídia, como a capacitação técnica para a elaboração dos produtos. Tem-se em mente a interação da educomunicação com a comunicação comunitária, nos termos definidos

⁶ A região Campo Grande tem cerca de 150 mil moradores, de acordo com a Prefeitura de Campinas. São ao todo 72 bairros, localizados a pelo menos 20 km do centro da cidade. A região tem problemas como saneamento básico, saúde pública e transporte que persistem desde a época de sua formação, no início dos anos 1980.



por Peruzzo (1998, p. 115): “Resultado de um processo, realizando-se na própria dinâmica dos movimentos populares, de acordo com as suas necessidades. Nessa perspectiva, uma das suas características essenciais é a questão participativa voltada para a mudança social”.

A comunicação comunitária, além de auxiliar na geração de um espírito de pertencimento, pelo qual o indivíduo sente-se parte de um grupo, identificando-se com ele, é uma forma de expressão das lutas, reivindicações e da cultura de determinado grupo social, em geral, pouco retratado pela grande mídia, principalmente, no que diz respeito às suas necessidades e às suas idiossincrasias culturais. Esse processo também só faz sentido a partir de uma reflexão de como a mídia produz e reproduz sentidos, principalmente diante de dois fatores: a hegemonia dos grupos de comunicação e a ideia bastante difundida de que o jornalismo retrata “a verdade”, com seus ideais de objetividade, isenção e imparcialidade, construídos historicamente.

Em 2014, foram realizadas 12 oficinas. Tinha-se como previsão que a primeira edição de um boletim impresso comunitário só sairia em 2015. No entanto, na dinâmica dos encontros, percebeu-se certa ansiedade dos participantes em colocar em prática os conteúdos. Por essa razão, decidiu-se por um rearranjo no calendário, de modo que as atividades de 2014 fossem finalizadas com a produção de um boletim, entregue à comunidade no dia da festa de encerramento do ano no CAS Copiosa Redenção.

Partiu-se de um levantamento com os adolescentes participantes – e também com a equipe gestora da entidade – de quais eram os veículos de comunicação existentes na região. Malgrado vários momentos de diálogo e conceituação, os participantes não conseguiram indicar sequer um produto que pudesse satisfazer às características de um veículo comunitário.

Em geral, às oficinas comparecerem cerca de 20 adolescentes. Em primeiro lugar, foi estabelecido um diálogo em que os participantes foram questionados sobre quais veículos de comunicação (notadamente jornalística) consumiam e qual era a opinião sobre tais produtos. Em sua maioria, notou-se um predomínio de adolescentes que, junto às famílias, assistiam, com muita frequência, a telejornais de caráter policiais. Embora tivessem acesso à internet, seja pelo celular, pelo computador de casa, na escola ou na própria ONG, esse contato se dava, em geral, para entretenimento e interação, por meio de jogos e redes sociais digitais. Houve pouca menção ao acesso para pesquisas ou informação.



O programa da TV Record, *Cidade Alerta*, por exemplo, foi citado por cerca de 50% dos adolescentes. Da mesma forma, o jornal popular *Notícia Já*⁷ foi o único impresso citado. A partir desse levantamento, foi possível desenvolver análises durante as oficinas para que a comparação entre a grande imprensa e a imprensa alternativa pudesse ser feita, bem como os próprios adolescentes pudessem perceber a diferença entre cobertura jornalística de referência e sensacionalismo.

Quando questionados sobre o que costumavam ver sobre o bairro ou a região nos telejornais ou jornais, a maioria foi enfática em dizer que o foco era a violência. Nenhum deles conseguiu se lembrar de fatos positivos noticiados pela imprensa sobre a região. Sem muito esforço, também conseguiram indicar uma série de reivindicações da população, como a demora para o atendimento médico por especialistas e a falta de manutenção das áreas de lazer. No entanto, não viam, num primeiro momento, esses assuntos como potenciais para o jornalismo.

O discurso que associa periferia com o negativo é tão arraigado que, quando questionados sobre o que mereceria ser notícia sobre a região, a maioria só conseguia enumerar características ruins. Para eles, o discurso midiático tradicional que os relega ao espaço da violência tornara-se, como uma das adolescentes retratou, “a realidade”. “O que a gente vê na TV é a realidade. Aqui é tudo ruim mesmo. Vida de pobre é assim”, disse Larissa Cristina dos Santos, de 14 anos.

Por outro lado, foi possível perceber que, a partir das experiências de vida e, depois, com o desenvolvimento das pautas para o primeiro boletim, conforme será descrito mais à frente, a posição sobre os meios de comunicação e a cobertura midiática foi se alterando, o que se pode, desde já, ser apresentado como um dos resultados do projeto e como uma das conquistas possíveis a partir da educomunicação, especialmente no que concerne à preparação de indivíduos “para” a mídia.

A adolescente Vitória Cristina da Silva, de 14 anos, narrou, na oficina de leitura crítica da mídia (o que sensibilizou colegas e ajudou a refletir sobre realidade, recorte e manipulação), que o irmão dela havia sido preso, suspeito de envolvimento com tráfico. Nada fora provado e ele, absolvido. A adolescente, contudo, retratou que, à época da prisão, o programa *Balanço Geral*, policialesco exibido pela afiliada da *TV Record* na cidade, havia mostrado imagens do suspeito sob a definição de “bandido drogado”, dada pelo apresentador. Nos dizeres da adolescente:

⁷ Jornal popular lançado em 2007 em Campinas, com linguagem coloquial e o destaque à pauta policial.



Quando a TV olha para a nossa região, só vê a pobreza e acha que todo mundo é bandido. Não vê que isso não é a verdade. Não é porque a gente é pobre que a gente é bandido. Por que, por exemplo, nunca fez uma matéria sobre a ONG, mas qualquer suspeita já transforma a pessoa em ladrão? Talvez se a gente fizer um jornal pra gente, a gente vai falar de coisas boas, dar a nossa resposta.

Embora com alguma desconfiança, marcada no trecho pelo advérbio “talvez”, a adolescente conseguiu demonstrar a diferença entre a grande mídia e a imprensa alternativa. O trecho também reforça a questão da identificação e como a experiência da injustiça cometida pela mídia lhe foi marcante. Entre identificação, desenvolvimento do olhar crítico sobre os meios de comunicação e a possibilidade de registrar sua visão dos fatos, constroem-se práticas de pertencimento e de ação comunitária.

Com base nas características já apreendidas da comunicação comunitária, os participantes das oficinas puderam analisar e comparar jornais e revistas, de diferentes finalidades (comunitários, institucionais, sindicais, religiosos, da grande imprensa etc.), e também promover a análise dos próprios meios de comunicação do CAS Copiosa Redenção que, naquele momento, só possuía a internet e um mural. Na verdade, a página na web é de difícil acesso, pois se trata de um *link* dentro do site dos Redentoristas, ordem religiosa que mantém a ONG.

Quando sensibilizados de que era possível construir seus próprios meios de comunicação e de que a produção desses veículos poderia auxiliar na demonstração das necessidades e características da região, foi introduzida a noção de plano de comunicação. Evidentemente, por se tratar de um público ainda em idade escolar e com pouco conhecimento técnico, o plano de comunicação para a ONG e a comunidade é bastante simples, se comparado, por exemplo, com o que se espera de um profissional. Os oito adolescentes que estiveram presentes na data de elaboração do plano de comunicação elencaram que, num primeiro momento, três ações poderiam ser realizadas: 1) a reorganização do mural da instituição, instalado na porta de entrada; 2) a criação de um site e de uma fanpage; 3) a publicação do jornal, conforme previsto desde o início do projeto.

A partir da primeira oficina para refazer o mural, tornou-se hábito, nos encontros seguintes, os próprios adolescentes proporem alterações. Os primeiros exercícios de construção de textos jornalísticos também geraram notas para o mural. A partir desses exercícios, também foi possível aprofundar a discussão de que a notícia, principalmente, nos produtos comunitários e institucionais, não necessariamente precisa remeter a ações ruins ou negativas, como figurava no imaginário da maioria.



Durante o mês de outubro de 2014, os adolescentes, durante as oficinas, produziram o site da instituição, utilizando uma plataforma online gratuita. Para iniciar a alimentação da página, foram publicados pequenos perfis dos participantes, fotos, a agenda da instituição e algumas notícias, elaboradas durante as oficinas. A página está hospedada em <http://projetoextensaocop.wix.com/copiosasnoticias>.

Durante a produção do site, foram sendo trabalhados conceitos como a importância da identidade visual, a legibilidade, o diálogo entre textos e imagens, a interatividade e a navegabilidade. Todos esses conceitos foram introduzidos a partir da prática e do processo de produção, numa tentativa também de inovar as atividades pedagógicas com que os adolescentes estavam acostumados: primeiro a teoria, depois a prática. Aqui, adotou-se a perspectiva de buscar a teoria para explicar as razões pelas quais uma prática se processava. Os adolescentes também criaram uma fanpage para repercutir as atividades e auxiliar na divulgação: <https://www.facebook.com/www.copiosasnoticias.com.br?fref=ts>.

Embora já tivesse sido feito um trabalho bastante sistemático de demonstração de que a imprensa alternativa e/ou comunitária deve também se pautar em apresentar aspectos positivos da realidade social, notou-se uma grande dificuldade dos adolescentes em sugerir tais pautas, principalmente durante o encontro em que se discutiram quais seriam os assuntos para o primeiro boletim impresso. Para facilitar a identificação com a região e também suscitar possíveis pautas, utilizou-se os resultados de outro projeto de extensão desenvolvido pela PUC-Campinas. Em 2011, foi lançado o livro “Memórias do Campo Grande: uma história de lutas e religiosidade na região às margens da John Boyd” (CARMO-ROLDÃO, 2011). A partir de um resumo da obra, foi realizado um debate com os adolescentes, mostrando a história da região em que vivem. Ao começarem a identificar na narrativa lugares e pessoas que conheciam ou de quem, pelo menos, ouviram falar, surgiam também as primeiras pautas. Mais uma prova de que só existe comunicação comunitária se houver identificação dos indivíduos com a causa e a comunidade.

Por, desde o início das atividades, ter sido um dos objetivos demover a ideia de que o jornalismo só se preocupa com fatos trágicos, durante a discussão da pauta, buscou-se motivar a identificação de temáticas positivas, pois sabia-se que seria fácil identificar problemas na região. Da mesma forma, buscou-se enfatizar abordagens que não ficassem restritas à ONG, pois o veículo não poderia ter um viés apenas institucional, embora o CAS Copiosa Redenção acabou se transformando estrategicamente num porta-voz da comunidade. Também se tinha em mente que, por se tratarem de adolescentes, era necessário tomar cuidado para que os



assuntos tratados não oferecessem nenhum risco, nem colocasse em xeque valores trazidos de casa, da escola ou do próprio CAS Copiosa Redenção. Por outro lado, algumas restrições que surgiram foram trabalhadas a partir da conceituação de linha editorial, presente em qualquer veículo. Entre os temas das pautas da primeira edição estão: a crise hídrica e as medidas de uso racional da água na região, a “corrente do bem” formada por ONGs na região Campo Grande e o desrespeito de motoristas de ônibus do transporte público, principalmente, em relação às pessoas com deficiência. Nos textos, podem-se perceber algumas características fundamentais do jornalismo, como a exposição de um conflito.

Na matéria de capa, sobre as ONGs, por exemplo, embora sejam expostas as qualidades do trabalho, ao final, é exposta a opinião de um gestor de entidade, demonstrando que o número dessas instituições ainda é pequeno, considerando a situação de vulnerabilidade e a quantidade de moradores da região. Também se incentivou a busca por personagens nos textos, o que ajuda no processo identitário, pois permite que as pessoas se vejam e se reconheçam nas histórias retratadas.

Os textos e imagens que compõem a primeira edição do boletim foram produzidos sempre em grupos, devido às dificuldades encontradas pelos adolescentes. Como recursos para a coleta das informações, utilizaram, principalmente, os próprios celulares, tanto para a gravação das entrevistas quanto para as fotografias. Depois de cerca de quatro semanas de atividades (entrevistas, fotos, texto e diagramação), foi possível imprimir o primeiro boletim, entregue a todas as 300 pessoas que passaram pela ONG na festa de encerramento das atividades, em 5 de dezembro de 2014. Além disso, o jornal foi disponibilizado na Paróquia Santo Afonso Ligório, também sob os cuidados dos padres redentoristas, e em alguns pontos comerciais do bairro.

Dotar o sujeito da possibilidade de ser ele mesmo um produtor de conteúdo, usando recursos simples e acessíveis gratuitamente na maioria dos casos, como é o caso da internet, contribui para a pluralidade de vozes e para a diversidade cultural. É o chamado “Jornalismo de Desenvolvimento”, definido por Kunczik (2002). O autor sugere a “desprofissionalização do comunicador”, não como uma forma de excluir formados nas universidades, mas para permitir que diversos grupos sociais tenham condições de produzir material de comunicação. O projeto será continuado em 2015, mais focado na capacitação técnica e na manutenção dos veículos criados.

O desenvolvimento das atividades de extensão resvalou-se em algumas dificuldades de formação básica dos estudantes, que não dominavam conteúdos esperados para a faixa etária.



Muitas vezes, percebeu-se que a falta de interesse em ler explicava-se pelo fato de o adolescente ter dificuldade em compreensão. Nesses momentos, foi necessário desligar-se um pouco das atividades programadas para momentos de leituras mais lúdicas e interpretações conjuntas. No momento da escrita, foi essencial ao docente adotar uma postura de revisão dos textos, não só no que concerne à informação a ser transmitida, mas também às normas gramaticais e ao padrão culto do idioma, cujos domínios fazem-se necessários para transmitir seriedade e credibilidade às publicações e não reforçar preconceitos arraigados em quem, de fora, observa o movimento e a dinâmica da periferia.

A realização deste primeiro ano de atividades demonstrou também alguns aspectos teóricos e práticos abordados pela educomunicação que devem envolver um trabalho com professores. No final de 2014, foi aprovado um outro projeto de extensão na universidade que, embora não esteja alocado na mesma região, atua com professores de escola pública e que leva em consideração temáticas como a preparação para que as mídias sejam usadas na escola como forma de pesquisa, em atividades práticas e em momentos de reflexão.

O TRABALHO EDUCOMUNICATIVO COM PROFESSORES

Baccega (2003) esclarece que a formação de cidadãos deve passar pela habilitação para ler os meios de comunicação, tamanha a importância das mídias na contemporaneidade. Assim, em março de 2015, o projeto “Reflexões Críticas sobre a Mídia no Processo de Educomunicação” começou a ser desenvolvido, a partir de reuniões com gestores para delinear o cronograma de atividades na Escola Estadual Adalberto Prado e Silva, na Vila Costa e Silva, região Norte de Campinas. O bairro, durante muito tempo, esteve associado à violência e ao tráfico de drogas. Com a possibilidade de desenvolver o projeto dentro da unidade escolar, compreende-se que ele pode contribuir para a formação dos docentes à medida que oferece um espaço não só de aprendizado, mas também de ação e de discussão sobre o uso das mídias, o que não existia até então nas reuniões pedagógicas.

Estão previstas nove oficinas, que começaram em abril e serão desenvolvidas até setembro de 2015. A opção pelo formato se deu para que os novos saberes fossem construídos de forma conjunta e orientada, sem que isso fosse visto pelos professores participantes como uma intervenção ou mesmo um curso, o que descaracterizaria a atividade como extensão universitária e também se esbararia em resistência dos professores da escola, conforme os gestores relataram ao docente extensionista. Entre setembro e dezembro de 2015, os



participantes produzirão uma cartilha, que possa apresentar a outros educadores o passo a passo do trabalho com mídia na escola. Esse material será disponibilizado digitalmente, de modo a expandir o acesso e a replicar conhecimentos e experiências.

Logo no primeiro encontro com os professores da escola, as discussões giraram em torno das demandas dos participantes, mediante às dificuldades enfrentadas em sala de aula, no que tange às novas tecnologias: “Meu aluno agora tira foto da prova para passar para os outros colegas”, disse o professor de matemática, sem saber como combater, inibir ou ajustar essa ação. “O meu aluno, que sempre tirou nota 5,0, pediu para tirar uma foto pelo celular, para mostrar à mãe que tinha conseguido 7,0”, contou a professora de português. Nota-se, por meio dessas falas, envolvidas num ar de preocupação, a dificuldade dos professores no manejo técnico dos suportes. Ficou clara a preocupação com o fato de o aluno saber usar com maior habilidade os equipamentos multimídia, porém revelou-se a necessidade da utilização com ênfase na capacidade de reflexão e construção do conhecimento, embasado no planejamento metodológico do professor. As frases ditas no primeiro encontro deram base para que todos pudessem refletir sobre como as novas tecnologias afetam o clássico modelo de ensino, no qual o professor é o detentor do conhecimento. Também possibilitou a discussão de que, nesse cenário, o educador não deve se dedicar ao ensino da tecnologia – tarefa inócua e desnecessária em razão do perfil dos alunos. Seu papel deve ser o de promover reflexões e de ajustar suas práticas docentes a essa nova realidade.

As reflexões foram trazidas à consciência apontando que os resultados das oficinas poderiam se traduzir em tomada de decisão frente à utilização dos meios tecnológicos:

O processo educativo deveria ser aquela instância que as pessoas se perguntam sobre a razão de serem como são, de como foram ou são plasmadas ou moldadas pelas inúmeras instituições – inclusive a mídia – e, num processo de libertação e autonomia, optem e escolham, pela reflexão e diálogo com os outros, o projeto que lhes convém. (GUARESCHI; BIZ, 2005 p. 24)

Sobre a aplicação das tecnologias de informação e comunicação na escola, após constatar a importância de criar conhecimentos e mecanismos que possibilitem integrá-las à educação, evitando o deslumbramento ou o uso indiscriminado, percebeu-se que é necessário considerar o uso pedagógico em detrimento do discurso de modernidade e ter uma mediação equilibrada. A perspectiva que se abre no campo educacional, indo da lousa de giz à sala de aula informatizada, muitas vezes, leva o professor a uma perplexidade, despertando, entre outros sentimentos, a insegurança. Por outro lado, para alguns, a necessidade de se sentir inserido na contemporaneidade e de não parecer anacrônico faz emergir um discurso de



apologia ao uso das novas tecnologias, mesmo sem saber ao certo o que isso significa e como fazê-lo.

Isso posto, percebeu-se que aprendizagem colaborativa é muito mais significativa quando os professores podem trabalhar junto aos alunos com outras culturas, podendo entender e perceber novas e diferentes visões de mundo, ampliando, assim, a troca de conhecimento, uma vez que os educadores também aprendem novas tecnologias e passam a usá-las em seu favor. As oficinas não pretendem apenas discutir, mas propor criação e uso de sites, blogs e redes sociais digitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora no momento da escrita deste texto um dos projetos aqui descritos ainda esteja em estágio inicial, percebe-se a importância do intercâmbio de experiências e saberes para as duas propostas, no sentido de, em 2015, construir práticas que levem em consideração não só as expectativas dos alunos, mas também de professores. Além disso, espera-se que o diálogo entre essas duas experiências traga contribuições a ambas. Espera-se, portanto, que os dois projetos estejam trilhando experiências de educomunicação com os dois principais públicos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem: professores e alunos.

Num primeiro momento, já é possível perceber que, quando nos reportamos a uma sociedade tecnológica e midiática como a que estamos vivendo, a aceleração dos processos oriundos da informatização, das inovações tecnológicas, acrescentadas ao meio social, com absurda abrangência e rapidez, pode muitas vezes nos deixar em estado de perplexidade. Junte-se a isso o fato de que, tanto para professores quanto para alunos, criar e desenvolver um senso crítico é condição imprescindível na construção do saber e do conhecimento, dando oportunidade para decisões mais sólidas e conscientes. Assim, embasados nas reflexões feitas junto aos professores e alunos, nos dois projetos, conclui-se a importância de inserir todos os meios que possam beneficiar os encaminhamentos didático-pedagógicos e comunitários, considerando ainda que as vantagens das tecnologias e de seus avanços podem edificar a educação no compromisso com a cidadania.

Com essas experiências, construídas na relação entre ensino, pesquisa e extensão, própria das universidades, tem-se clareza de que, ao oferecer subsídios para a leitura crítica da mídia, é possível se constituir e se perceber como comunidade a partir da comunicação e



pode-se contribuir para o desenvolvimento de novas formas de se relacionar com o mundo e de percebê-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACCEGA, M.A. *Televisão e escola: uma mediação possível?* São Paulo: SENAC, 2003.

_____. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. *Comunicação & Educação*. Ano 14, n. 3, set/dez. 2011. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewFile/7837/7235>. Acesso em: 15 mar. 2015.

CARMO-ROLDÃO, Ivete (org.). *Memórias do Campo Grande – uma história de lutas e religiosidade na região às margens da John Boyd Dunlop*. Aparecida (SP): Ideias e Letras, 2011.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GOTTLIEB, Liana. O educador Janusz Korczak. *Revista IMES de Comunicação*. São Caetano do Sul, n.3, jul./dez., 2001, p. 36-45.

GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. *Mídia, Educação e Cidadania*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

KUNCZIK, Michael *Conceitos de jornalismo: norte e sul – manual de comunicação*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *A comunicação na educação*. São Paulo: Contexto, 2014.

ORMANEZE, Fabiano. Educomunicação, comunicação comunitária e jornalismo literário: três teorias e algumas propostas em um projeto de extensão. *Revista Linha Mestra*. Unicamp: ALB, v. 1, n. 25, jul/dez 2014, p. 36-52.

PERUZZO, Cicilia Krohling. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998.

SOARES, Ismar. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina Castilho (orgs.). *Educomunicação – construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 13-30.

SOBREIRO, Marco Aurélio. Célestin Freinet e Janusz Korczak, precursores do jornal escolar. São Paulo: USP/NCE, 2005. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/145.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2015.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Lea. *Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como?* 4. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.